



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Título original: *The Secrets of Happiness*
Copyright © 2016 por Lucy Diamond
Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Natalia Sahlit

preparo de originais: Mariana Gouvêa

revisão: Anna Beatriz Seilhe e Midori Hatai

projeto gráfico e diagramação: Natali Nabekura

imagem de capa: Kate Forrester

adaptação de capa: Julio Moreira | Equatorium Design

foto da autora: © Alicia Clarke

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D528s

Diamond, Lucy, 1970-

Os segredos da felicidade [recurso eletrônico] / Lucy Diamond; [tradução de Natalia Sahlit]. - 1. ed.
- São Paulo: Arqueiro, 2021.

recurso digital

Tradução de: The secrets of happiness

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-110-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Sahlit, Natalia. II. Título.

21-69307

CDD: 823

CDU: 82-3(410)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Capítulo Um

“Estamos nos aproximando da estação Manchester Piccadilly. Integração para London Euston, Liverpool Lime Street e Edinburgh International. Próxima parada, Manchester Piccadilly, em aproximadamente dois minutos. Parada final.”

À medida que o trem abria caminho na plataforma, começava o alvoroço no vagão: malas arrancadas do bagageiro superior, jornais dobrados abandonados nos assentos, celulares enfiados nos bolsos. Rachel Jackson já estava lá na frente, na fila de pessoas que serpenteava até as portas, sendo jogada contra o bagageiro, quando o trem freou bruscamente.

“Manchester Piccadilly, estação Manchester Piccadilly. Parada final. Esta composição não fará mais serviço de passageiros.”

Pronto. Estava feito. Sentiu um pico de adrenalina quando as portas se abriram e a massa quente de pessoas começou a se derramar pela plataforma. Entorpecida, seguiu a multidão, sem se importar com as malas que batiam em suas pernas. *Olá, Manchester*, pensou, descendo do trem. *Estou atrás de respostas. Você tem alguma para me dar?*

Depois de Hereford, a estação parecia imensa, um espaço cavernoso, o teto entrecruzado por uma intrincada rede de escoras e vigas, o alto-falante ecoando ao redor. Era início de junho e, quando as crianças foram para a escola de manhã, um sol leitoso prometia irromper das nuvens. Mas agora o ar estava frio, e ela se embrulhou no cardigã de lã cinza-claro

enquanto caminhava pela plataforma em meio ao fluxo de viajantes. A pele pinicava. Agora que estava ali, se sentia oprimida. A grandiosidade do que estava fazendo começou a ressoar como um tambor, cada vez mais alto e rápido. Será que ela ainda queria saber a verdade?

Quero, lembrou-se com firmeza conforme avançava. *Sim, eu quero*. Depois de todas as mentiras que ouviu, ela precisava saber, tinha que ir até o fim.

Ao redor das catracas, ia se formando uma multidão impaciente, que resmungou irritada primeiro quando um grupo de turistas japoneses pareceu ter perdido os bilhetes e depois quando um casal de idosos prendeu o carrinho de feira xadrez, bloqueando outra passagem. A agitação era contagiosa, e Rachel começou a ficar inquieta. *Anda, anda. Vai logo*. Se ficasse ali parada por muito mais tempo, acabaria mudando de ideia sobre a coisa toda. Precisava continuar em movimento, manter aquele impulso inicial.

Finalmente, chegou a vez dela de, com os dedos úmidos, passar o bilhete pela catraca e ver o caminho livre para o saguão da estação, que vibrava com toda aquela vida humana. Milhares de pessoas caminhavam em todas as direções, arrastando malas, gritando aos celulares, correndo para pegar os trens. Uma mulher com saltos altíssimos e uma pasta esbarrou nela quase sem notar, mal reduzindo o passo. O alto-falante fez *ding-dong*, mães passaram arrastando crianças pequenas e um grupo de adolescentes de aparência nórdica, com mochilas enormes e invejáveis pernas bronzeadas, discutia sobre um mapa.

Rachel se sentiu pequena, silenciosa e anônima enquanto olhava ao redor em busca das placas de saída e do ponto de táxi. Estava a quilômetros das colinas verdes e das terras rurais onde morava, e ninguém ali a conhecia ou fazia ideia de que ela tinha feito aquela viagem. “Tenho uma reunião”, dissera vagamente a Sara na estrada, quando pediu que ela pegasse Luke e Scarlet na escola aquela tarde. “Volto às cinco, no máximo.” Uma visita rápida, só isso. Telefonou do trem para ter certeza de que Violet estava trabalhando naquele dia – “Sim, ela está aqui, vou passar para ela”, disse uma senhora simpática, mas Rachel desligou em seguida, com o coração martelando no peito.

Não. Não pelo telefone. Deveria ser cara a cara, para ela poder olhar nos olhos da outra mulher e ouvir a história toda.

Meu Deus. Era assustador. O que Violet poderia dizer?

Talvez devesse tomar um *espresso* antes de ir, decidiu, perdendo as forças ao avistar um estande próximo e sentir o aroma de canela, café e baunilha. Tinha muito tempo, afinal, e seria melhor fazer alguma coisa que a revigorasse, que lhe desse aquele empurrãozinho final. Com uma forte dose de cafeína, estaria pronta para entrar no táxi e fazer o que tinha que ser feito, sem mais delongas. *Pronta para o que der e vier, garota,* como o pai costumava dizer.

Entrou na fila, a cabeça um emaranhado de preocupações, lembrando-se mais uma vez da reportagem acusatória que encontrara e da conversa no enterro do pai que havia aberto aquela caixa de Pandora. *Seu pai já... falou de mim alguma vez?* Desejou nunca ter conhecido Violet. Ir até lá também pareceu um impulso inconsequente. E se aquilo tudo não passasse de uma busca inútil?

Perdida em dúvidas, deu um pulo quando ouviu uma voz masculina atrás de si:

– Licença, meu bem.

Ela se virou de repente, mas, quando fez isso, alguém a pegou de surpresa e agarrou sua bolsa pelo outro lado.

– Ei! – gritou com as mãos no ar para puxar a bolsa de volta, mas logo foi empurrada com força por trás, se desequilibrou e começou a cair, cair, cair...

Só teve tempo de registrar uma vaga sensação de que alguém estava arrancando a bolsa de suas mãos e o som de passos correndo, antes que sua cabeça batesse com força no chão. Então, tudo escureceu.

– Ela o quê? Sumiu? – repetiu Becca ao telefone, afastando-se um pouco da perturbadora visão da colega de apartamento, Meredith, que tocava um alaúde na outra extremidade do sofá.

Meredith era membro da Sociedade de Reconstituição Medieval e

passava quase todos os fins de semana vestindo uma capa. O alaúde era o mais novo e indesejável acréscimo ao hobby.

– Desculpa, você pode repetir? – perguntou Becca, deixando de lado a fatia de pizza já pela metade para se concentrar.

– Ela disse cinco horas! – a voz da mulher surgiu do outro lado da linha, sem fôlego e indignada. – No máximo cinco horas! E ela não atende o celular, nenhum dos filhos tem ideia de onde ela está... E, bom, isso não é típico dela, né? Não sei o que pensar. Ligo para a polícia? Ela não está com você, está?

Becca não conseguia processar a enxurrada de informações, principalmente com Meredith desafinando o alaúde ao lado, alheia ao telefonema.

– Não, ela não está comigo – respondeu, levantando-se do sofá e indo da sala à “área da cozinha”, como o senhorio a chamara, otimista. Com a mão livre, varreu as migalhas de torrada de cima da bancada, prometendo fazer uma faxina de verdade no dia seguinte. – Olha, eu realmente não...

– Bom, Mabel sugeriu que a gente ligasse para você. Eu não sabia mais a quem recorrer! Lógico que posso ficar um pouco mais com as crianças, só que eu combinei de sair com Alastair, ah, desculpa, com o meu marido. A gente comprou os ingressos para a peça há séculos e acho difícil que a babá dê conta de outros três, além dos meus dois. Sem contar que eles não podem dormir aqui, porque agora o quarto de hóspedes está lotado com os equipamentos de ginástica do Alastair. Eu já *mandei* meu marido arrumar isso inúmeras vezes, mas sabe como é homem...

Becca afastou um pouco o fone do ouvido. A mulher – Sara? Sandra? – falava muito alto, com uma voz estridente, e parecia não precisar respirar entre as palavras. Que capacidade pulmonar impressionante, pensou, dispensando os sachês de chá usados ao lado da pia. Talvez ela praticasse mergulho nas horas vagas.

– Ok – respondeu, quando finalmente houve uma pausa.

Depois de tudo aquilo, não sabia o que dizer. Mabel tinha sido fofa ao citar o nome dela, mas a verdade é que Becca não falava com Rachel

havia mais de um ano. As duas irmãs postiças não eram exatamente inseparáveis.

– Então, a que horas você consegue chegar aqui?

Uau. Sem aviso, Sara foi direto ao ponto.

– A que horas *eu consigo chegar* aí? Espera, você quer dizer...

Merda. Ela estava falando sério? Em quarenta minutos, começava o turno de Becca no White Horse, e ela nem tinha acabado o chá, muito menos começado a se arrumar para ficar minimamente apresentável.

– É que Mabel disse que você era a melhor pessoa para ligar. Já que é da família e tal. Ela falou que pode cuidar dos dois menores até você chegar. Você mora em Birmingham, só que mais para o nosso lado, certo? Dá para chegar em Hereford em tipo o quê... uma hora? Uma hora e vinte? Acho que dá tempo.

– Em tese, dá, mas...

Mas na verdade eu trabalho na cozinha calorenta de um pub, onde eu preciso estar hoje à noite e, o que é mais importante, as crianças mal me conhecem. Ela fez uma careta, desejando que a mulher não tivesse dito que Mabel a considerava a melhor pessoa para quem ligar. Becca não resistia a um elogio. Uma palavra gentil, e ela estava na mão de qualquer pessoa.

– Graças a Deus! Vou falar com as crianças. Mabel! Sua tia está vindo, ok? Caso a mamãe ainda demore.

– Só um minuto – tentou dizer.

A mulher era um rolo compressor. Como ainda não estava governando o país?

– Você acha que eu espero antes de ligar para a polícia? Eles provavelmente vão me pedir para aguardar 24 horas, né? E ela é adulta. Ninguém a sequestrou nem nada. Ai, meu Deus, eu não devia ter dito isso, acho que o Luke escutou. Fica tranquilo, querido. A mamãe está bem! Só deve estar... bom... fazendo outra coisa.

Becca olhou pela janela e observou a rua principal logo abaixo, deixando o monólogo fluir ao telefone como uma corrente incessante. Não via Rachel havia exatamente um ano e um mês, desde o enterro do pai das duas, quando elas tiveram uma conversa superficial sobre os

preparativos para o bufê e a programação da missa. Becca chegou atrasada, o trânsito estava um pesadelo, e teve que se esgueirar pelos corredores da igreja sussurrando “com licença, com licença” até a primeira fileira, de onde Rachel lançou um olhar tão reprovador que ela agora se contraía só de lembrar. Fazia ainda mais tempo que não via as sobrinhas e o sobrinho – talvez um ano e meio, desde o Natal na casa dos pais. Luke devia ter uns 5 anos na época, com aqueles cabelos escuros, grandes olhos cor de violeta e cílios enormes, terrivelmente tímido com todos, menos com a mãe. Nem Lawrence, o elegante e seguro marido de Rachel, conseguiu convencê-lo a... Calma aí.

– Espera! – repetiu, desta vez em voz alta. Óbvio, ela deveria ter perguntado de cara. Era ridículo que aquela conversa tivesse ido tão longe. – Onde está Lawrence? Ele não pode segurar as pontas até Rachel chegar?

Sara ficou em silêncio por um instante. Um silêncio estranho e cauteloso.

– *Lawrence?* – perguntou, antes de soltar uma risada nervosa. – Bom... Lawrence saiu de casa no fim do ano passado. Eles se separaram. Você não sabia?

Capítulo Dois

Algumas horas antes

– Oi, moça, está me ouvindo? Acho que ela está acordando, Jim. Está me ouvindo, querida?

Rachel abriu os olhos e viu uma mulher loura de uniforme verde com uma trança comprida. Meu Deus, como sua cabeça latejava. Pulsava como se fosse explodir. Sentiu o gosto metálico e quente do sangue e franziu o nariz diante do cheiro forte de desinfetante. Mas que diabos...?

– Finalmente! Oi, eu sou Cathy, a paramédica, e estamos indo para o hospital. Você lembra o que aconteceu?

Estava deitada em uma maca estreita e ouvia um barulho de motor. *Ambulância*, pensou, atordoada. Sua cabeça doía. A mandíbula também. Fechou os olhos de novo, sem entender direito o que estava acontecendo. *Foi só um sonho estranho. Volta a dormir.* Era isso que dizia para as crianças quando elas acordavam no meio da noite.

– Apagaram você, querida. Pelo visto, derrubaram você no chão. Uns marginais pegaram a sua bolsa e fugiram na estação de trem, você lembra?

A mulher tinha um sotaque do Norte, percebeu, tonta. Como em *Coronation Street*, a novela preferida do pai. Mas do que ela estava falando? Bolsa? Estação de trem? Nada disso fazia sentido. *Onde* estava a

bolsa dela, afinal? As chaves estavam lá dentro. Precisava delas para entrar em casa. Chave da porta. Porta da chave. *O que ela disse mesmo?*

– A gente vai para o hospital agora porque você ficou inconsciente por alguns minutos e seu rosto está bem machucado, ok? Tenta ficar parada, só isso. Pode me dizer seu nome?

Rachel piscou. O nome dela. Sim. Tentou abrir a boca para responder, mas sentiu uma dor lancinante na mandíbula e só conseguiu gemer. O rosto pulsava. Todo o corpo doía. Os ouvidos zumbiam, um som alto e penetrante, implacável. Aquilo era um sonho? Só podia ser. Estava segura em casa, na cama, e tudo aquilo era um sonho bizarro. *Volta a dormir.*

– Tudo bem, não se preocupa com isso agora, a gente já está chegando – ouviu a mulher dizer.

A voz dela parecia vir de muito longe, como se ela estivesse dentro de um túnel ou em uma rua movimentada. Rachel pensou na música-tema de *Coronation Street* e em como o pai gritava ao pé da escada para chamá-la quando a novela começava. Aquelas notas melancólicas. O gato dos créditos de abertura, pisando macio em um muro. Naquela época, Rachel e o pai se aninhavam no velho sofá marrom compartilhando o silêncio, ela com uma garrafa de refrigerante e ele com um copo de uísque.

Então a escuridão surgiu mais uma vez, engolindo-a, e tudo derreteu.

– Cheguei ao local pouco depois das onze e meia e me contaram que esta moça tinha sido derrubada no chão da estação de trem por dois ladrões. Ela está sem os documentos e não sabemos o nome dela. Quando chegamos lá, ela estava inconsciente havia alguns minutos, de acordo com as testemunhas, mas acordou por um instante na ambulância e parecia confusa. Suspeita de fratura na mandíbula e talvez no osso zigomático, e o pulso com certeza está quebrado...

A mulher estava falando outra vez. Uma voz encorpada e simpática, com aquele sotaque adorável. Rachel se perguntou quem era a pobre moça a quem eles se referiam antes de perceber, chocada, que só podia

ser ela. Arregalou os olhos em pânico e olhou ao redor, tentando entender onde estava. Médicos, enfermeiras, a loura de uniforme verde, todos pairavam sobre ela, como em um pesadelo.

– Olá – cumprimentou um dos médicos, ao vê-la acordada. Ele era negro e forte, tinha a cabeça raspada e os olhos castanhos. – Qual é o seu nome, você consegue dizer?

Mais uma vez, ela abriu a boca para falar, mas a dor ricocheteou pelo seu corpo como uma corrente elétrica, tirando-lhe o fôlego.

– Ahn... – grunhiu, sentindo o gosto quente e salgado do sangue nos lábios.

Rachel, queria dizer. *Meu nome é Rachel*. Enquanto pensava nas palavras, a escuridão que dominava sua cabeça começou a recuar pelas bordas, como fumaça se dispersando. Mãe da Mabel, da Scarlet e do Luke, lembrou, fixando cada fato como as peças de um quebra-cabeça. Trinta e nove anos, nascida em 5 de novembro. O bebezinho da Conspiração da Pólvora, como o pai dizia.

– Fica tranquila, vamos te dar morfina, a dor vai passar – disse um deles, e ela fechou os olhos, derrotada.

Ainda não sabia o que estava fazendo ali. A mente era uma página em branco, insondável, no que dizia respeito ao que havia acontecido e como ela acabara daquele jeito. Era um mistério. Tinha algo a ver com uma estação de trem, lembrou-se vagamente da loura dizendo, mas onde?

O mais estranho era que todo mundo tinha sotaque do Norte, com exceção da enfermeira de cabelo cacheado e escuro, que falou “É só uma picadinha!” naquele forte sotaque de Glasgow. (*Picadinha é o cacete*, pensou, tentando não gritar. Isto aqui está mais para punhalada.) Foi como se tivesse sido transplantada para outro mundo. Um mundo confuso e doloroso, onde nada fazia sentido.

Sentiu a morfina circular suavemente pelo corpo enquanto era submetida a uma radiografia e a uma tomografia, e era como se estivesse caindo devagar na água; descendo, descendo até as profundezas do oceano. As vozes das pessoas pareciam distantes.

– Está sentindo isto? – indagavam, cutucando-a.

– E isto? Ih, apagou de novo.

– Oi? Está me ouvindo? Meu nome é Geraldine, sou a recepcionista do hospital, preciso fazer umas perguntinhas bobas. Você se lembra do seu nome?

Claro que ela se lembrava! Não era idiota. Era mãe, esposa. Ah, não. Ex-esposa. Merda. Estava tudo tão confuso. Que horas eram, afinal? Tinha que voltar para pegar as crianças na escola antes das três: Mabel já era grande para ir para casa sozinha ou com os amigos da escola secundária, mas Rachel ainda buscava Scarlet e Luke na primária todos os dias. O rosto das crianças flutuava na escuridão esfumaçada da cabeça dela; eles ficariam desesperados se ela não aparecesse. *Cadê a mamãe?*

Rachel entrou em pânico com aquela imagem e se forçou a abrir caminho através da névoa da morfina. “Meus filhos”, tentou dizer à mulher ao lado da cama, mas a voz falhou e o som saiu arrastado e engrolado. Era horrível. Como um sonho perturbador. Será que ela teve um derrame? Por que tudo estava tão estranho? *Me ajuda!*, tentou telegrafar com os olhos. *Socorro!*

– Não tenta falar agora – disse a mulher, gentilmente. – Você fraturou feio a mandíbula e as maçãs do rosto e está com um galo imenso na cabeça. Também achamos que você sofreu uma concussão, então, se as coisas parecerem um pouco esquisitas, é por isso.

O rosto da mulher parecia se dividir em três, todos com os mesmos olhos verdes e boca em movimento. Era como olhar para um prisma. Para um daqueles brinquedos que as crianças tinham, com peças coloridas brilhantes em uma ponta. Telescópio... não. Periscópio... não. Aquele negócio. O que era mesmo? A palavra tinha escapulado. *Pensa, Rachel. Pensa!*

– Ahnn... – gemeu em resposta. Estava virando um bordão.

Deitada em uma maca de rodinhas, foi conduzida por corredores feéricos, com luzes dançando sobre sua cabeça. Pensou em boates. Música bate-estaca. Chegar em casa e vomitar no sapato da madrasta, Wendy. *Estou tão decepcionada com você, Rachel!*

Wendy, pensou, confusa. As duas nunca se deram bem. *Você não é a minha mãe!*, gritava ela durante todas as brigas. E... *Ah*. Algo se encaixou na cabeça dela. Uma imagem surgiu, de uma plataforma de estação fria,

sapatos elegantes apertando seus pés enquanto ela esperava, com o bilhete na mão. *Manchester Piccadilly*, entoou uma voz. *Parada final*.

Estou atrás de respostas.

Um alarme soou dentro dela quando a ficha caiu. Estava em Manchester, era isso. Manchester! Longe de casa, longe das crianças. Quem as buscaria na escola se ela estava em Manchester? Pensar direito era como caminhar sobre melaço, mas de repente uma vaga lembrança surgiu. Primeiro, do carro cheio de vozes; os filhos de Sara, pensou, franzindo o cenho. Sim, e Sara ia pegar Scarlet e Luke em troca. Mas como Rachel voltaria para lá agora? Sara a mataria se ela não chegasse até as cinco, como combinado, e a estrangularia com aquelas mãos bem cuidadas.

Um soluço escapou da garganta de Rachel, e ela tentou se sentar. Precisava voltar para casa. Precisava pedir que alguém ligasse para Sara!

O sacolejo da maca parou, e uma enfermeira surgiu ao lado dela. A do sotaque de Glasgow, pensou, reconhecendo os cachos escuros.

– Melhor ficar deitada, garota – disse ela, tentando acalmar Rachel. – Só estamos subindo para a enfermaria. Você vai ficar mais confortável lá, está bem? Fecha os olhos um pouquinho e tenta descansar.

Ouviu um clique embaixo de si, e então as rodas girando, rangendo; a maca estava se movendo de novo. O teto era um borrão vertiginoso e, quando ela fechava os olhos, via as trilhas alaranjadas criadas pela faixa de luzes.

– Isso, querida, tira uma soneca. – A voz flutuava, distante. – Não se preocupe com nada.